



---

## METODOLOGIAS DE PRÁTICAS DE ENSINO VOLTADAS PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Silmara Forner Calzavara

Mestranda em Geografia – Bolsista CAPES – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
silmaraforn@gmail.com

Jhones Donizetti Mendes

Professor de Geografia – Colégio Franciscano Nossa Senhora do Carmo – Guaíra - PR  
jhonesd@hotmail.com

Amanda Bevilaqua Bianchini

Professora de Português/Inglês da Rede Pública do Estado do Paraná  
amanda\_bevilaqua@hotmail.com

---

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas práticas de ensino voltadas para alunos do ensino médio. As metodologias propostas estão classificadas como: a) criação de pinturas em azulejo; b) ilustrações de charges; c) construção de maquete de bacia hidrográfica em argila; d) confecção de mapa digital; e) confecção de folders; f) atividades de “*stand up*”, g) construção de cartas imaginárias e; h) aulas de campo. A pesquisa relata que uma determinada parte dos alunos não atinge a aprendizagem necessária devido à relação com o professor. Esta precarização do ensino se dá porque: a) talvez o docente não seja formado especificamente na disciplina que leciona; b) teve uma graduação precária; c) não domina o conteúdo e d) aplica aulas muito monótonas, tradicionais, doutrinárias, desestimulando o aluno a se interessar pelo conhecimento que deveria ser compreendido. As metodologias acima citadas promovem em sua maioria, dependendo da descontração e vontade de inovar do professor, um ótimo desempenho, tendo como resultados: a) estimula o aluno a aprender com gosto o que está sendo ensinado; b) trazendo o conteúdo global e distante para uma visão mais local e à realidade do discente; c) aguçando a percepção ambiental destes alunos; d) faz o aluno perceber que o conteúdo teórico exposto no livro didático pode fazer parte da sua realidade vivenciada. Portanto, esta pesquisa apresenta algumas práticas de ensino que já foram testadas em ambientes educacionais e atingiram o objetivo proposto, tornando as aulas mais dinâmicas, inovadoras, construindo seres críticos construindo o conhecimento de qualidade.

**Palavras-chave:** educação, ensino aprendizagem, práticas de ensino.

### ABSTRACT

This study intends to present some teaching practices focused on high school students. The proposed methodologies are classified as: a) creation of paintings tiled b) graphics cartoons c) construction of model of basin clay d) preparation of digital map, and) making folders f) activities "stand up ", g) construction of imaginary letters and h) field lessons. The survey reports a certain part of students do not reach the necessary learning because of the relationship with the teacher. This instability of teaching is because: a) the teacher may not be specifically trained in the discipline that teaches b) had a poor degree c) does not control the contents and d) applies lessons extremely monotonous, traditional, discouraging the student become interested in the knowledge that should be understood. The methods abovementioned promote mostly depending on distraction and desire to innovate of the teacher, a great performance having as result: a) encourages the student to learn liking what is being taught, b) bringing global content and away for a more local view and the reality of the student c) sharpening the environmental perception of these students, d) does the student realize that the exposed theoretical content in the textbook can be part of your reality experienced. Therefore, this research presents some teaching practices that have been tested in educational settings and reached the



---

proposed goal, making lessons more dynamic, innovative, building critical beings constructing knowledge quality.

**Keywords:** education, teaching-learning, teaching practices

---

## 1. Introdução

Este trabalho registra os desafios encontrados em sala de aula, que é também o de milhares de colegas. No desejo de que a aula de Geografia e de Português (interpretação de textos) venha a ser um espaço de criação, as reflexões vão além do relato das próprias experiências. Num esforço para ultrapassar o cotidiano, busca-se apreciar e debater outros olhares sobre práticas de ensino a serem executadas em sala de aula, novas proposições e alternativas.

A escolha do tema deu-se na construção conjunta da concepção dos três membros-autores desta, tendo em vista de que atualmente, nota-se necessária a prática de um ensino moderno, que consiga chamar a atenção do aluno sobre o conteúdo a ser trabalhado, e que possibilite aos professores de Geografia e de Letras/Português (principalmente na interpretação de textos) trabalhar de maneira interdisciplinar. Pois, grande parte dos professores, principalmente os mais antigos, voltaram ao ensino tradicional, não inovam mais em sala, não utilizam determinados recursos porque dizem não ter capacidade de aprender a manipular os mesmos, ou porque já estão desacreditados com o ensino e com a aprendizagem. Percebe-se que uma boa parte dos professores, geralmente de idade mais avançada na rede educacional e descrentes com a educação, agem desmotivados com o ensino e com a aprendizagem; talvez fizeram determinada licenciatura porque era o que ele teria possibilidade de fazer, agindo contra o gosto dele ou porque era mais fácil para entrar no mercado de trabalho.

Os professores recém-formados tem uma nova concepção acerca da educação, pois saem da graduação com a massa encefálica provida de ideologias modernas e dinâmicas, ansiosos para aplicá-las em sala. Afinal, com todo o seu espírito renovador, acreditam que a educação pode mudar e que eles são peças motrizes deste processo.

As práticas relatadas aqui e suas metodologias foram realizadas localmente nas escolas localizadas no Município de Guaíra-PR, tanto nas escolas públicas quanto em uma particular. Práticas estas que foram realizadas pelos autores deste trabalho em seu regime de trabalho contratual com as escolas. As práticas se darão, desde: a) criação de pinturas em azulejo; b) ilustrações de charges; c) construção de maquete de bacia hidrográfica em argila; d)



confecção de mapa digital e utilização de fotografias aéreas; e) confecção de folders sobre o âmbito rural; f) atividades de “*stand up*”, g) construção de cartas imaginárias e; h) aulas de campo. São algumas artimanhas utilizadas para conquistar a atenção e o interesse do aluno, trabalhando seus conhecimentos vividos.

Estas metodologias deram certo para os docentes acima citados. Não significa que estas atividades serão aplicadas por todos os outros docentes e conseguirão atingir 100% de aproveitamento, tendo em vista que o modo de expressão, de chamar a atenção, do domínio do conteúdo e do gosto do professor por determinado conteúdo varia muito de um para o outro.

Portanto, o objetivo é mostrar através de atividades práticas como o aluno pode se interessar em aprender sobre determinado conteúdo; como ele conseguirá compreender que o conteúdo que está no material de apoio pode fazer relação com a realidade deste discente.

## 2. Obstáculos a superar no processo de ensino aprendizagem

Há certo nível de dificuldade e/ou estagnação do avanço da Geografia Crítica, nas escolas de ensino fundamental e médio. Isto se deve também ao fato da vivência em uma sociedade marcada pelas profundas desigualdades sociais e pelo autoritarismo das instituições, incluindo neste momento, a própria escola.

Com isso, não há pretensão de imputar culpas, mas sim discutir, coletivamente, as concepções de ensinar, aprender e estudar, assim como as concepções de ensino embutidas na prática docente. Segundo Kaercher (2002, p. 223):

Sinto um certo esgotamento, estagnação (não sei se este termo é bom) do movimento de renovação de Geografia. Melhor dizendo, não lanço a ideia de um certo esgotamento da renovação como uma hipótese, mas sim como uma provocação! Será que está havendo realmente uma renovação – para melhor, com mais qualidade técnica, com maior densidade política e ética – do ensino da Geografia nas escolas do ensino fundamental e médio? Ou será que, em geral, ainda predominam aulas meramente informativas, desvinculadas da realidade dos alunos, portanto, desinteressantes?

Pelas experiências dos últimos 2-3 anos, percebe-se que muitos docentes voltaram a ensinar com a metodologia tradicional, pois, apresentam certa “*fobia*” aos recursos midiáticos, não acompanhando a evolução dos meios-técnicos-científicos-informacionais. Tendo em vista que para muitos, esta evolução atrapalha o andamento da aula, com o argumento de que se perde muito tempo para montar as aulas em slides, e depois os recursos como “Televisão



Multimídia” são muito lentos e complicados (não é toda imagem que pode ser exposta pelo televisor, devido ao seu formato, entre outros argumentos).

Percebe-se hoje que muitos professores defendem a criticidade de uma forma artificial, só para ser visto por determinado grupo, não a exercendo como se deve, como Kaercher (2002, p. 222) descreve: “[...] muitos professores só trocam os rótulos ou *slogans*”, mas na verdade, continuam a produzir verdades cristalizadas, mantendo a Geografia e o Português (interpretação de texto) como algo distante do cotidiano dos alunos. Ao focar essa ideia, há necessidade de uma mudança metodológica que transforme a relação professor-aluno, relação esta que, regularmente continua fria, longínqua e burocrática.

É preciso haver uma postura renovada de maior diálogo, não só entre docente-discente, mas com o próprio conhecimento. Kaercher (2002) tem a concepção de que é necessário ensinar aos alunos e aos próprios docentes a duvidarem mais do que se ouve e lê, inclusive, nos livros e na televisão, para que o discente compreenda que os professores, quando lecionam, não estão ensinando doutrinas, verdades imutáveis, mas sim, que estão construindo um conhecimento novo a partir do que já se tem, com a concepção de que a dúvida deve ser um princípio constante.

O ensino de qualquer disciplina continua desacreditado. Os discentes, no geral, não têm mais paciência para ouvir seus professores das mais variadas áreas de ensino. Deve-se não apenas renovar, mas ir além, romper a visão cristalizada e monótona da Geografia como a ciência que descreve a natureza e dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares. Neste ponto, é preciso fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço, na constituição de sua individualidade e da(s) sociedade(s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país, etc.) (KAERCHER, 2002).

Cabe destacar que a Geografia, está extremamente ligada à língua portuguesa a partir do momento em que uma boa interpretação de texto faz a total diferença na construção epistemológica. Como se lê acima, não basta puramente saber a ciência para ensinar Geografia se esse docente não possui didática; clareza; boa interpretação de texto; uma boa relação professor-aluno; além do conhecimento específico; particular; técnico da ciência geográfica; um melhor entendimento do que é e para que serve ensinar Geografia. É preciso ensiná-la, de um jeito que o aluno tenha gosto em aprendê-la, algo que não é nada fácil.

Não basta saber a ciência geográfica, mas sem ter ciência (conhecimento) não há como cativar os alunos a ouvi-la. Se o professor que tem o dever de saber sobre sua disciplina, não sabe, não há aluno que vá querer ouvir sobre aquilo interessadamente. Algo que fica bem evidente é a necessidade de mostrar aos professores-alunos que podem entender melhor o

mundo em que vive, se tiverem a concepção do espaço como um elemento que ajuda a entender a lógica, não raro absurda, da Terra. Conseguir mostrar que a Geografia não é apenas dados ou informações atuais ou compartimentadas, mas, sim, que relaciona as informações à vivência real dos alunos.

O que se observa rotineiramente e Kaercher (2002) embasa bem, é que parece que falta, em muitos docentes, a palavra e, sobretudo, o sentido do fazer e do transformar o espaço. E quanto essa metamorfose e construção do espaço constituem tanto professor, quanto aluno, os forma e os transforma.

Portanto, talvez a tarefa principal do professor de Geografia não seja ensinar Geografia propriamente, mas sim firmar um compromisso que a ultrapassa, ou seja, revigorar valores éticos a partir das categorias centrais (espaços, território, Estado...) e expandir o respeito aos demais, ao distinto. Afinal, um dos maiores objetivos da escola e da própria Geografia, é formar valores: de respeito ao outro, respeito às diferenças (culturais, políticas, religiosas, etc.), o combate às desigualdades e às injustiças sociais (KAERCHER, 2002).

Uma parte que merece total destaque e resume a problematização do ensino de Geografia é a da escrita de Kaercher (2002, p. 225) quando:

Compreendendo a espacialidade das práticas sociais, podemos ajudar nossos alunos (e a nós próprios) a entender melhor o local, o nacional e o global e, melhor ainda, compreender as relações entre essas escalas. Com isso quero reafirmar que o problema do descrédito do ensino de Geografia não está nos seus conteúdos, mas sim na concepção de conhecimento e na metodologia dos seus professores. Um problema, portanto, em nossa formação. Se ajudarmos nossos alunos a perceberem que a Geografia trabalha com as materializações das práticas sociais, estaremos colocando-a no seu cotidiano.

Como ficou bem claro acima, se o professor de Geografia compreender bem a espacialidade destas práticas sociais e obtiver um “feedback” de seus alunos, de um jeito que eles possam entender as relações nessas três escalas, ligando o conteúdo teórico que está no livro didático à realidade deles, este conhecimento se tornará bem mais prazeroso de se aprender do que somente apontar a visão global sem relacioná-la com a escala local do aluno.

### **3. Metodologia**

As metodologias e técnicas abaixo descritas são resultados de experiências que deram certo, realizadas pelos autores, trabalhando principalmente com temas ambientais.

A primeira prática de ensino, refere-se à atividade de pintura em azulejo, promovendo no aluno a evolução de sua percepção ambiental, trabalhando com os conteúdos de fisiologia da paisagem e Geopolítica Ambiental. Esta atividade estimula o senso crítico do aluno, instiga-o a pensar que nem tudo o que parecer ser correto e bonito é realmente. Assim como se pensa criticamente nas pinturas paisagísticas de Da Vinci (apud Tuan, 1980), o objetivo desta atividade é fazer com que os alunos pintem paisagens consideradas “belas” e “harmoniosas”, com o intuito de depois de prontas, perceberem implicitamente os possíveis impactos ambientais a gerados ou que possam vir a ocorrer.

O desenho que deve conter na cerâmica são: uma casa de madeira em cima de uma ilha, partes desmatadas e pouca vegetação arbórea.

Para realizá-la, os materiais necessários são: a) tintas a óleo das mais variadas cores; b) cerâmica 15,4 x 15,4 cm de cor branca e lisa; c) pincéis dos mais variados tamanhos; d) panos para limpar as mãos; e) palitos de dente com pontas de algodão para fazer os traços; f) terebentina para limpar os pincéis e secante de cobalto para ajudar no processo de secagem da tinta e; g) verniz brilhante para ajudar a proteger a pintura.

A segunda atividade diz respeito à criação e interpretação de charges. Esta atividade se torna prazerosa e exequível porque o aluno pode usar sua abstração para ilustrar o que lhe é interessante. Devem ser utilizados como materiais: folhas de sulfite dos mais variados tamanhos e lápis preto de identificação HB, 2B e 6B.

Há necessidade de estimular os alunos a desenharem charges que chamem a atenção do observador, aguçando sua percepção crítica para entender o texto ilustrativo. O aluno poderá desenhar algo sobre o ponto de vista mais ambiental, econômico, social ou cultural. Podendo expor futuramente estes desenhos em painéis ou murais da própria escola, fazendo com que o seu trabalho seja reconhecido e até motivando os que não participaram, a participarem futuramente.

A terceira dinâmica que pode ser desenvolvida e de fundamental importância nas mais variadas disciplinas escolares é a interpretação de texto.

Focando um estudo de complexidade mais ambiental, que envolve intrinsecamente a população rural, torna-se imprescindível estudar a estrutura e funcionamento das bacias hidrográficas. A quarta atividade se deve à construção de maquete em argila sobre a bacia hidrográfica. Após ter ciência da revisão bibliográfica que envolve a bacia hidrográfica, torna-se muito interessante, prazerosa e motivadora a construção de uma pequena maquete de bacia hidrográfica em argila, visando entender toda a sua estrutura, dinâmica e seus processos transformadores.



Para isso, introduziram-se explicações sobre os conceitos cartográficos a topográficos, o que possibilitou a melhor compreensão do uso e ocupação do solo, sejam eles no meio rural ou urbano, que influenciaram direta ou indiretamente na paisagem e também na sociedade.

Para exemplificar esta situação, podem ser utilizadas como materiais didáticos, várias folhas de vegetações arbóreas distintas (folhas da árvore Sete Copas (*Terminalia catapp*), folhas da mangueira (*Mangifera indica* L), do caqui (*Diospyros kaki*, L.f), entre outras), para serem utilizadas como molde, colocadas acima de uma placa de argila, com suas nervuras direcionadas para a própria argila. Depois de retirada a folha de cima da argila ficarão marcadas as cavidades na placa argilosa, dando o formato hipotético (topográfico) de uma bacia hidrográfica.

A confecção de mapa digital de localização é a quinta atividade dinâmica.

Depois de ter compreendido a importância da cartografia na área rural, nas suas variadas facetas, os alunos poderão elaborar mapas digitais de maneira muito simples e fácil, localizando os pontos de referência e de estudos principais: a) a escola que estudam; b) área de estudo; c) curso hídrico; d) vegetação; uso e ocupação do solo. Para elaborarem o mapa, os métodos e as técnicas necessárias foram:

1º. Passo: acessar o site do Google, localiza o município desejado (como por exemplo, o Município de Guaíra, onde se visualiza o percurso do Córrego Marginal. Posteriormente, pressionar a tecla “Print Screen” do computador;

2º. Passo: abrir o programa Power Point na versão 2007, pois versões antigas a esta não apresentam determinadas ferramentas primordiais para a construção do mapa temático. Colar a imagem de escolha (neste caso, a do Município de Guaíra) que foi assimilada pela tecla “Print Screen” no espaço de slide do Power Point;

3º. Passo: inserir formas prontas para construir os símbolos do mapa e da legenda e usar as ferramentas para inserir os textos do título e da legenda.

Pelo fato de se trabalhar com mapas digitais cedidos pelo Google, torna-se interessante fazer empréstimo de fotografias aéreas no Departamento Municipal de Obras, podendo desta forma, comparar tempos mais antigos e mais recentes. Observando se o uso e ocupação do solo no ambiente rural agem de forma harmoniosa ou degradante ao ambiente natural e construído. O uso de fotografias aéreas permite uma melhor compreensão da questão das bacias hidrográficas e de seus divisores de águas.

Como trabalhar com fotografias aéreas? Através delas o professor estimula os alunos a reconhecerem cada item, como por exemplo: áreas de pastagens, plantações (temporárias ou permanentes), sedes rurais, escolas, hidrografia, relevo, vegetação, áreas degradadas, tipo de



agropecuária, entre outras. A técnica de fotointerpretação empregada proporciona aos alunos a reflexão mais detalhada sobre o uso e ocupação do solo, sobre a questão do avanço das áreas de urbanização rumo ao meio natural.

A sexta atividade condiz com a confecção de folders temáticos sobre os mais variados assuntos, puxando neste caso, para o âmbito ambiental rural. Para facilitar a compreensão da construção de um folder turístico, há necessidade de levar alguns modelos de folders encontrados em agências de turismo. Através destes modelos de folders os alunos terão um melhor planejamento de como elaborar seu próprio folder. Dados importantes que devem constar no folder são:

1°. Nome fictício da empresa (hotel fazenda, chácaras, pousadas rurais, estâncias que aproveitam os recursos hídricos, vegetais ou geológicos);

2°. Inventar dados fictícios, como: endereço, telefone, email, horário de atendimento, valores de estadia, proprietários, entre outros que se enquadrarem no contexto;

3°. O folder deve dotar-se de fotos, desenhos ou recortes de revista que ilustrem e despertem o interesse da população;

Posterior à finalização da construção do folder, os discentes poderão emprestar seus folders entre eles para analisar qual folder possui as atratividades mais interessantes, qual folder apresenta o pacote turístico mais em conta e outros assuntos que podem ser trabalhados nas mais variadas disciplinas, tanto na escola do campo, quanto na escola urbana.

Enquadra-se como sétima atividade dinâmica, a prática de “Stand Up”. Essa prática é uma das atividades dinâmicas que dão muito certo na escola porque motiva o aluno a prestar atenção, se interessar pelo conteúdo e acima de tudo, dar sua contribuição.

Para execução desta atividade, há necessidade de algumas imagens sobre o tema a ser trabalhado, podendo estar contidas em jornais, livros, apostilas ou até mesmo nos recursos midiáticos como televisor, multimídia, entre outros. A atividade funciona da seguinte forma:

1°. Passo: o professor guiará a atividade, explanando aos alunos que todos estarão simulando estar em uma história, tendo como exemplo de nome “Minhas Férias de 2012”;

2°. Passo: o professor começa a explicar sobre o assunto que deseja ser trabalhado, contando como se ele tivesse participado daquele assunto (viveu aquele momento), nisto ele mostra uma imagem que tenha ligação com o conteúdo já trabalhado teoricamente;

3°. Passo: o aluno ao ver a imagem, tem que fazer ligação à história começada pelo professor, encaixando aquela imagem ao contexto trabalhado, contribuindo dessa forma, para a construção da história;



4º. Passo: o professor mostra outra imagem para outro aluno e o mesmo continua a história e assim sucessivamente, até que as imagens se acabem e que o conteúdo fique bem esclarecido.

A oitava prática de ensino refere-se à construção de cartas imaginárias. Nessa atividade o aluno deve além de aprender o conteúdo que foi transmitido, elaborar uma carta imaginária (como se fosse mandar para alguém de outra localidade), relatando seus sentimentos e imaginárias vivências ou até mesmo, vivências reais.

E por última e não menos importante, a nona atividade prática refere-se à prática de campo, atividade esta posterior às explicações e estudos teóricos. para a execução desta atividade, é importante se pensar na questão de: possibilidade, duração, número de alunos, meios de transporte, roteiro a ser criado.

#### 4. Resultados e Discussões

Em termos de resultados das atividades práticas, a atividade de pintura em azulejo (Figura 1), que aborda os conteúdos de fisiologia da paisagem e geopolítica ambiental possuiu o poder de estimular o aluno a se interessar pelo conteúdo. Aqui destaca a relação da disciplina de Artes com a Geografia, fazendo com que o aluno aprenda que nem tudo que é belo, ambientalmente correto será.



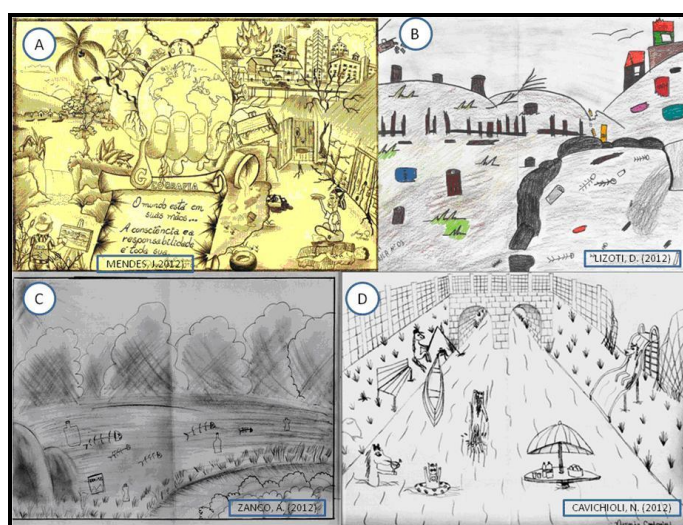
**Figura 1** - Alunos desenvolvendo a pintura em azulejo para interpretar a fisiologia da paisagem.

Foto: MENDES, J. D. (Org.) (2012).

Com essa metodologia, os alunos conseguem chegar à concepção crítica de que: a) a casa não respeitou o limite de vegetação ripária; b) a ação antrópica pode impactar o ambiente

(desmatamento, compactação do solo, intensificar os processos de lixiviação e lessivagem); b) ele pode contaminar o próprio ambiente e contaminar a si mesmo (a paisagem mostra a casa, porém, esta não possui rede de esgoto por se tratar de uma casa em meio à mata, área de fundo de vale, ou até mesmo por estar localizada em uma ilha), entendendo perfeitamente que por muitas vezes nem tudo o que é visto como bonito estará ecologicamente correto, agindo em perfeita harmonia com o ambiente.

A segunda atividade está ligada às charges (Figura 2), visando aguçar criticamente a percepção ambiental dos alunos.



**Figura 2** - Charges elaboradas pelo professor e pelos alunos como modelo.

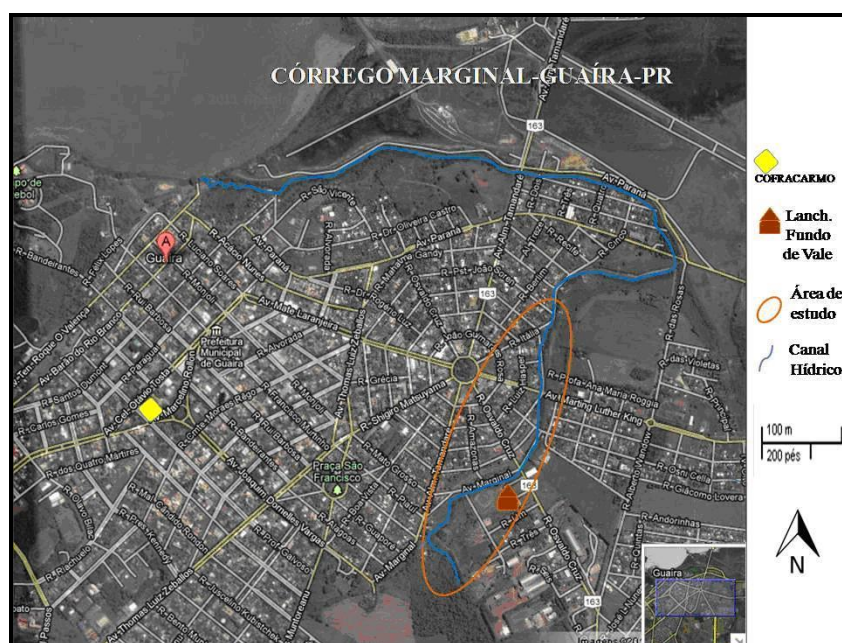
Foto: MENDES, J. D. (Org.) (2012).

As charges acima chamam muito a atenção pela riqueza de detalhes. A ilustração de letra “A” foi criada pelo professor e as demais foram criadas por alunos para servir de modelo quando o conteúdo passar a ser trabalhado com outros alunos. Cada aluno tem seu modo de desenhar e de pensar sobre como chamar a atenção do público observador, ou até mesmo, colocar mensagens subliminares ou implícitas. O desenho de letra “D” chama muito a atenção pelo fato da indignação da aluna que ilustrou o Córrego Marginal de Guaíra-PR provido de vários equinos tomando banho como se estivessem em ambiente de lazer. Este desenho muito didático expõe de maneira clara que a área de preservação ambiental do córrego que deveria ser conservada, encontra-se abandonada e dotada de animais errantes que impactam ainda mais aquele micro habitat.

Os desenhos “B” e “C” expõem a quantidade de resíduos urbanos industrializados jogados próximo ao córrego, poluindo o ambiente e prejudicando a vida aquática. E o desenho “A” possui um contexto bem mais complexo e detalhado, dotado de várias mensagens

implícitas na imagem, ilustrando de forma geral: a desigualdade social e os impactos ambientais causados antropicamente.

No que diz respeito à construção e análise de mapa digital (Figura 3), é uma atividade dinâmica que rendem bons frutos, chama a atenção dos alunos pelo fato deles gostarem dos meios técnicos-científicos-informacionais.



**Figura 3** - Mapa temático de localização da área de estudo organizado por uma aluna.  
Org. ABELHA, G. S. (2012).

Com respeito às técnicas de cartografia para melhor localizar o ambiente de estudo, os alunos conseguirão elaborar os mapas digitais sem problemas e por mérito próprio. Os alunos possuem maior capacidade e facilidade de aprender a mexer com ferramentas informacionais (e computacionais) do que um adulto.

Outra atividade que poderá ser bem prazerosa e motivante será a construção de maquetes hipotéticas de bacias hidrográficas em argila, compreendendo sua estrutura para melhor imaginar o seu funcionamento (Figura 4).

Nesta parte, os alunos conseguirão, em sua maioria, se embasar teoricamente sobre a estrutura e formação da bacia hidrográfica, promovendo a compreensão de que dentro de uma bacia, naturalmente, poderá haver outras sub-bacias e assim por diante.

Quanto à confecção de folders, está atividade desempenha uma boa motivação porque aborda outros temas importantes para se levar à discussão. Os alunos confeccionam seus folders pensando em conquistar o interesse dos demais em visitar imaginariamente sua



propriedade turística (pousada, fazenda, áreas atrativas, restaurantes de comida caipira, entre outras).



**Figura 4** - Construção de maquete hipotética de bacia hidrográfica.

Foto: MENDES, J. D. (Org.) (2012).

A atividade de “Stand Up” serve para descontrair um pouco mais os alunos, para dar o poder da palavra aos discentes, para eles mostrarem que dominam o conteúdo que foi transmitido, para que os alunos percam um pouco da timidez que os cercam, para que os alunos percebam que os conteúdos contidos no livro didático também fazem parte de sua vida ou já fez em algum momento e para que as aulas não fiquem sempre naquela mesmice de ficar só o professor falando.

A atividade da elaboração de uma carta imaginária permite ao discente viajar um pouco no campo do conhecimento, podendo relatar questões ambientais, saudosistas, de felicidade, econômicas, culturais.

E por final, as práticas voltadas ao estudo em campo. Essas práticas possuem uma maior facilidade para se transmitir o conhecimento, pois, por muitas vezes os alunos podem não entender o que está registrado teoricamente, mas aprendem quando exercem a prática. As aulas de campo precisam ser utilizadas principalmente nas áreas rurais, onde se tem o objeto de estudo para trabalhar com os respectivos conteúdos. Não adianta falar em ravinas e voçorocas se não mostrar ao aluno como elas são na realidade. O conhecimento só se torna perfeito quando atrela a teoria à prática.

O exemplo exposto da prática de ir a campo para investigar a questão ambiental exposto abaixo (Figuras 5), diz respeito à ausência do limite de vegetação ripária no Córrego Marginal de Guaíra-PR, já que a distância mais longínqua entre as residências e a vegetação ripária se media entre 12 metros.

É na aula de campo que se visualiza muitas situações que pelo livro didático não se é capaz de se pensar. Falar do Rio Tietê é fácil, mas só quem passa próximo a ele para sentir quão forte e desagradável é o seu odor. Muitos livros trazem uma visão mais global e regional, porém, o aluno pode sentir um pouco desse assunto indo a campo, pensando global e entendendo o local.



**Figura 5** - Metragem entre o cercamento e as residências.  
Foto: MENDES, J. D. (2012).

Um exemplo disso ocorreu com os alunos de um colégio de Guaíra que foram estudar o Córrego Marginal e viram o quanto ele está degradado, abandonado e invadido por animais errantes. Seguindo rumo à jusante, observaram-se telas cortadas, cadeados arrebitados e pilares com telas ao chão. Esta prática ilustra a atividade de pessoas que possuem animais errantes e fazem determinadas barbaridades para acondicionarem seus animais nestes espaços antes cercados (Figura 6). Estas pessoas não estão respeitando o limite ínfimo de preservação ambiental e, com isso, o que mais sofre é o córrego.



**Figura 6** - Invasão à Área de Preservação do Córrego Marginal.  
Foto: MENDES, J. D. (Org) (2012).

Portanto, a metodologia mais aplicada para as práticas de campo é a própria percepção, na qual os alunos entenderão os conhecimentos teóricos somados à prática de campo. Esta percepção ficou considerada como metodologia chave.

Em uma aula de campo, por exemplo, pode-se perceber os impactos ambientais gerados pela ação antrópica, como a atuação dos processos erosivos (lessivagem, lixiviação e assoreamento) (Figura 7). Ou até mesmo o caso de despejo de efluentes domésticos (resíduos provenientes de pia doméstica [borra de café]) rumo ao curso d'água.



**Figura 7** - A falta de vegetação acelera os processos erosivos.  
Foto: MENDES, J. D. (2012).

## 5. Considerações finais

As considerações necessárias a se fazer foram que: a) a junção da teoria com a prática realmente promove nos indivíduos um melhor aprendizado, já que ele estará praticando o que na teoria, por certas vezes, nem todos conseguiriam imaginar; b) a importância que os alunos darão, posteriormente, aos seus sentidos humanos; c) a evolução epistemológica e crítica sobre a percepção ambiental; d) a evolução da concepção sobre os impactos ambientais rurais/urbanos.

Há necessidade no sistema escolar que os professores ensinem com gosto e amor a sua disciplina, que se qualifiquem e se capacitem. Afinal, quem se torna mais prejudicados é o aluno, influenciando no seu próprio futuro profissional (muitos alunos se espelham em seus professores, porém, quando outro docente entra no lugar, o aluno se desmotiva a seguir aquela profissão porque se decepcionou com determinado docente).





Há necessidade de professores aventureiros, que não tenham medo de inovar, que travem debates em sala, exercendo a verdadeira função de ser educador, construindo o conhecimento e a futura sociedade pensante. A sociedade de modo geral, precisa de docente que tenham o domínio de transformar o conteúdo global e regional do livro didático em assunto local, trazendo toda esta discussão e partindo para a prática se possível.

Os alunos podem perceber os ambientes das mais variadas formas (dependendo do ponto de vista: se ele reside lá ou se simplesmente é turista), para isso há necessidade de metodologias inovadoras e de docentes qualificados para ajudá-los a aguçarem seus pontos de vista críticos. Tuan (1980) faz entender a importância da prática para a construção do conhecimento, pois só ficar lendo um livro a respeito de determinado assunto, não lhe dará tamanho conhecimento como o de vivenciar aquele assunto.

Para concluir, as aplicações das atividades dinâmicas possibilitam o melhor entrosamento do aluno ao conhecimento, estimulando-o a expandir este e incentivando a querer saber mais e mais, já que os alunos aprendem mais quando se dotam de metodologias teórico-práticas.

## 6. Referências

ARROYO, Miguel (Org.). **Da Escola carente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 1991, p. 1-49.

CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 3. ed. Porto Alegre. Mediação, 2003.

KAERCHER, Nestor A. **O gato comeu a geografia crítica?** Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In. PONTUSCHKA, N. N., OLIVEIRA, A. U. de (Org.). *Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa*, São Paulo, Contexto, 2002.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Professor-adjunto no Instituto de Geociências e Exatas – UNESP – *Campus* de Rio Claro. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL/ Difusão Editorial S. A. 1980, 288 p.



Cópia do Certificado de apresentação.



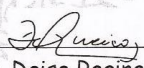
Universidade Estadual de Maringá  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Departamento de Geografia



## CERTIFICADO

Certificamos que **Silmara Forner Calzavara, Jhones Donizetti Mendes e Amanda Bevilaqua Bianchini** apresentou(aram) comunicação oral intitulada: **"METODOLOGIAS DE PRÁTICAS DE ENSINO VOLTADAS PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO "** no I Simposio Nacional de **Métodos e Técnicas na Geografia & XXII Semana de Geografia (Processo nº 5080/2013)** realizado, no período de 22 a 25/10/2013, pelo Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá.

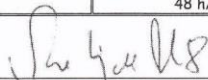
Maringá-PR, 25 de outubro de 2013.

  
Prof.ª. Dr.ª. Deise Regina Elias Queiroz  
Chefe do Departamento de Geografia

Registro nº 001/2013-DGE  
Livro: AC - 03  
Folhas: 51-151



Atividades Detalhadas/Realizadores	Carga Horária/Horas/aula
Minicursos	(certificado separadamente)
Trabalho de campo 1 - Geografia e Movimentos Sociais: Construindo um diálogo com o Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra	(certificado separadamente)
Trabalho de campo 2 - Geografia e Movimentos Sociais: O movimento por moradia em Maringá	(certificado separadamente)
Espaço de diálogo (comunicações coordenadas)/painéis	12 h/a
Exposição fotográfica	12 h/a
Workshop ConGeo Jr	8 h/a
<u>Palestras e mesas redondas</u>	
22/10/2013 (noite) Abertura Oficial do Evento e Conferência de abertura Profa Dra. Ana Maria Marques Camargo Marangoni (USP)	4h/a
23/10/2013 (noite) Mesa Redonda 1 - Métodos e técnicas na geografia: "novos olhares e novas geografias" Dr. Wladimir César Fuscaldo (UEL) Dr. Nécio Turra Neto (FCT/UNESP) Coord. Prof. Ms. Lucas César Fredini Sant'Ana (UEM)	4h/a
24/10/2013 (noite) Mesa Redonda 2 - Epistemologia e ensino em geografia Dr. Nestor André Kaercher (UFRGS) Dr. Sérgio Adas (USP/Ribeirão Preto) Coord. Prof. Dr. Ilton Jardim de Carvalho Júnior (UEM)	4h/a
25/10/2013 (noite) Mesa Redonda 3 - Os movimentos sociais da América Latina e os novos olhares da geografia Ms. Janaina Stronzake (MST) Dr. Renato Emerson dos Santos (AGB/Nacional) Coord. Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> . Adélia Aparecida de Souza Haracenko (UEM)	4h/a
Total	48 h/a

  
Prof. Dr. Fernando Luiz de Paula Santil  
Departamento de Geografia  
Coordenador Geral

Coordenadores: Fernando Luiz de Paula Santil, Valéria Lima, Adélia Aparecida de Souza Haracenko, Claudivan Sanches Lopes, Sueli de Castro Gomes, Ilton Jardim de Carvalho Júnior, Leonardo Dirceu Azambuja, Oséias da Silva Martunucci, Lucas César Fredini Sant'ana, Valdeir Demetrio da Silva e Paulo José Monteiro Teixeira Germano.



Cópia da capa do CD dos anais do Evento.





Cópia da Carta de Aceite

Maringá, setembro de 2013.

Prezado(s) (as) Autor(es) (as) Silmara Forner Calzavara, Jhones Donizetti Mendes e Amanda Bevilaqua bianchini

A Comissão Técnica-científica do I Simposio Nacional de Métodos e Técnicas na Geografia e XXII Semana de Geografia tem a satisfação de comunicar a VS<sup>a</sup>, a aceitação do artigo intitulado “METODOLOGIAS DE PRÁTICAS DE ENSINO VOLTADAS PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO “, sob o código **EIXO\_01\_19\_Calzavara**. Este código deve ser a referência para a remessa do trabalho escrito. Proximamente, informaremos, por meio da página do evento na internet, data e horário da apresentação.

Em anexo segue o parecer do consultor “ad hoc”. Caso haja correções e/ou modificações indicadas pelo consultor estas deverão ser acatadas ou justificadas. Informamos que o comitê científico irá reavaliar o artigo corrigido, antes de sua aceitação definitiva.

O artigo corrigido deverá ser enviado, necessariamente, para o e-mail: [cslopes@uem.br](mailto:cslopes@uem.br). A data limite para o recebimento do trabalho escrito é **30/09/2013**, impreterivelmente. Os trabalhos não recebidos no e-mail e limite de data especificados, não farão parte da mídia de publicação (CD-ROM) do evento, recebendo o autor a participação como apresentador de trabalho não publicado. Também não serão publicados os trabalhos recebidos fora das normas especificadas no documento que segue em anexo.

Lembramos, também, que a documentação deverá ser acompanhada do comprovante de pagamento da taxa de inscrição no evento, relativa no mínimo ao primeiro autor do trabalho.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Claudivan Sanches Lopes  
Coordenador da Comissão Científica

**Obs.: Favor confirmar o recebimento desta mensagem.**